

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE AS LÍNGUAS DA FRONTEIRA BRASIL/URUGUAI À LUZ DA TEORIA DO SISTEMA LINGUÍSTICO

Emmanuelle Coutinho Ribeiro Bär¹
Veridiana Veleda Pereira²

RESUMO: Este artigo trata dos conceitos de língua propostos por dois teóricos da linguística moderna: Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson. Com base nesses conceitos, se objetiva refletir se as línguas de fronteira, praticadas nas fronteiras Brasil/Uruguai, possuem um sistema novo que não seja o mesmo do português falado no Rio Grande do Sul e do espanhol falado no Uruguai. A língua é entendida por estes dois teóricos como um sistema, assim refletiremos sobre as línguas de fronteira a partir desse conceito. Para pensarmos sobre o sistema das línguas de fronteira, tomaremos como base teórica Sturza (2008, 2005) e Mota (2010, 2014) que tratam sobre as primeiras pesquisas sobre as línguas de fronteira no norte do Uruguai.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas de fronteira; Saussure; Jakobson.

A BRIEF REFLECTION ON THE LANGUAGES OF THE FRONTIER BRAZIL / URUGUAY IN THE LIGHT OF THE THEORY OF THE LANGUAGE SYSTEM

ABSTRACT: This paper is about the concepts of language proposed by two theorists of modern language: Ferdinand de Saussure and Roman Jakobson. Based on these concepts, we aim to reflect if the languages of the border, practiced in the borders Brazil/Uruguai, have a new system that is not the same of the Portuguese spoken in Rio Grande do Sul and of the Spanish spoken in Uruguay. The language is understood by these two theorists as a system, so we reflect about the languages of the borders from this concept. To think about the system of languages of the borders, we will use as theoretical basis Sturza (2008, 2005) and Mota (2010, 2014) who address about the first research about the languages of the border in the north of Uruguay.

KEYWORDS: Languages of the border; Saussure; Jakobson.

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em Letras – Habilitação em Espanhol e Literaturas da Língua Espanhola pela UFSM desde 2009. Atua como professora de língua espanhola.

² Mestranda em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em Letras – Língua portuguesa pela UFSM desde 2014. Atua como professora de língua portuguesa.

INTRODUÇÃO

Nos limites entre Uruguai e Brasil há uma vasta zona de fronteira não só geográfica como também linguística. O contato entre as línguas portuguesa e espanhola nessa região é base para muitos estudos linguísticos contemporâneos. Dessa forma, propomos neste artigo uma retomada dos conceitos de língua para Saussure e Jakobson, com a intenção de introduzir uma reflexão, sobretudo, sobre as características sistêmicas das línguas de fronteira.

Tomada enquanto ciência, a linguística é inaugurada a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure que inspirou a publicação póstuma do Curso de Linguística Geral, baseado em três de seus cursos ministrados na Universidade de Genebra. O Curso de Linguística Geral (CLG) estabelece a língua como objeto da linguística e a define como um sistema.

Na busca pela definição do objeto da linguística, Saussure propõe um recorte teórico metodológico da linguagem em língua/fala em que a fala é da ordem do indivíduo, é uma forma particular de usar o sistema da língua, enquanto que a língua por ser de natureza homogênea e social é entendida como “um objeto que se pode estudar separadamente” (SAUSSURE, 1995, p. 22) e centralizará os estudos saussurianos e estruturalistas que o sucedem.

Mas nem todos os estudiosos irão tomar apenas a língua como objeto de estudo, por exemplo, Jakobson (2003, p. 34) entende que o interesse da Linguística deve se alicerçar na “linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução”.

Outros pesquisadores como Mota (2010, 2014) Sturza (2008), ao estudarem as línguas de contato entre Brasil/Uruguai apoiaram-se na teoria do sistema linguístico para dar suporte a suas pesquisas. Dessa forma, pretendemos abordar os estudos de Saussure e Jakobson, bem como os de Mota e Sturza sobre o sistema da língua e, a partir de suas teorias, propor um estudo preliminar para definir se as línguas de fronteira são ou não um novo sistema.

Para melhor apresentar nossos estudos dividimos este artigo em quatro seções: na primeira seção, apresentamos uma breve retomada dos estudos Saussurianos sobre a língua; na segunda seção, trazemos uma rápida apresentação sobre a concepção de língua como sistema para Jakobson; na terceira seção apresentamos a língua de fronteira e alguns estudos já realizados sobre o sistema linguístico na região Brasil/Uruguai; por fim, apresentamos as considerações finais deste trabalho.

1. Estudos Saussurianos sobre a Língua

Sabe-se que a linguística é reconhecida como ciência a partir da publicação do Curso de Linguística Geral (1916), organizado por Albert Sechehaye e Charles Bally, e fundamentado nos ensinamentos de Ferdinand de Saussure. As ideias do mestre genebrino revolucionaram o que se pensava sobre língua na época e deram condições de criar uma ciência linguística com métodos e objeto definido. Segundo Rodrigues (2008):

A precisão na delimitação do objeto dessa ciência é parte fundamental desse processo de constituição. É exatamente por isso que ele é considerado o linguista cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística científica e estabeleceram a base do pensamento sobre a linguagem no século XX. Seja ao desenvolver o pensamento saussuriano, seja ao questioná-lo, ou ambos, a produção teórica sobre língua e linguagem durante todo o século passado esteve relacionada, de alguma maneira, à obra do linguista genebrino. (RODRIGUES, 2008, p. 07)

Em seu recorte teórico Saussure escolhe como objeto da linguística a língua, definindo-a como sendo “ao mesmo tempo um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1995, p. 17). Desse modo, é impossível que um único indivíduo seja capaz de criar ou mudar o sistema linguístico, para que isso aconteça, é necessário que haja uma massa de falantes atuantes em determinado período de tempo, a fim de que as mudanças ocorridas sejam incorporadas dentro do sistema.

Buscando aprofundar seus estudos sobre a língua, considera-se essa como sendo um sistema de signos linguísticos. Este signo linguístico é constituído, simultaneamente, por um significado e por um significante intrinsecamente relacionados entre si, não podendo existir um sem o outro, de modo que configuram “uma entidade psíquica de duas faces” na qual “esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (SAUSSURE, 1995, p. 80). O laço que associa significado ao significante é arbitrário. Tal característica do signo que permite, por exemplo, a existência de várias línguas.

No sistema da língua, o signo baseia-se em relações sintagmáticas e paradigmáticas. O sintagma compreende o caráter linear da língua enquanto que o paradigma está para a memória do falante, para os signos que constituem a língua do indivíduo. A partir dessas duas noções que surge o conceito de valor que seria um “elemento de significação” (SAUSSURE, 1995, p. 133).

É no funcionamento do sistema linguístico, através das relações sintagmáticas e associativas como produtoras de sentidos, que surge a teoria do valor, um dos conceitos fundamentais do pensamento de Saussure. A teoria do valor é uma forma de pensar a significação a partir do movimento do signo linguístico dentro do funcionamento do sistema da língua (SOBRAL, 2008, p. 06).

Mas valor e significação não se equivalem, de forma que “o valor tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícil saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência” (SAUSSURE, 1995, p. 1333).

De acordo com Bez e Aquino (2011, p. 14) Saussure preocupou-se em descrever o funcionamento da língua como sistema, estabelecendo em seus estudos a noção de termos dependentes em um todo que é solidário. Os representantes do estruturalismo, pós-Saussureanos, foram os linguistas russos Roman Jakobson, S. Karcevsky e N. Trubetzkoy, todos eles estudaram os sistemas fonológicos e as estruturas que os compõe. Além destes estudiosos, quando falamos de estruturalismo não podemos deixar de citar o Círculo Linguístico de Praga³, que amparou muitos trabalhos a partir dessa perspectiva. Os estruturalistas priorizaram os estudos sincrônicos da língua, um dos legados deixados pelo mestre genebrino. Dos estruturalistas russos selecionamos tratar neste artigo sobre o conceito de língua proposto por Roman Jakobson.

2. Roman Jakobson e a Concepção de Língua como Sistema

Roman Jakobson foi chamado por Haroldo de Campos de o “poeta da linguística”, isso se deve ao fato de que, com a sua poética, ele assume de maneira mais rigorosa um laço entre literatura e linguística. “Jakobson foi engajado no estudo da dialetologia, folclore russo e na arte de vanguarda, principalmente, no cubismo e no futurismo” (SANTEE & TEMER, 2011, p. 73). Para ele, a linguística deveria estudar a língua em todas as suas manifestações.

Segundo Santee & Temer (2011) não existe uma só linha de trabalho na produção de Jakobson, o teórico contribuiu em estudos sobre fonologia, patologia da linguagem, antropologia, teoria da informação, estilística e folclore. Os variados ramos que o influenciaram

³ O Círculo Linguístico de Praga ou Escola de Praga foi um grupo de críticos literários e linguistas estabelecidos na cidade de Praga, parte de múltiplo movimento chamado de Formalismo Russo. Seus membros desenvolveram métodos de estudos semióticos e de análise estruturalista entre os anos de 1928 e 1939.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADrculo_Lingu%C3%ADstico_de_Praga Acesso em: 06/07/2015.

foram: o Curso de Linguística Geral (CLG), os Formalistas Russos, a psicologia comportamentalista, a Teoria Informacional da Comunicação, etc.

Um de seus maiores legados para a ciência da linguagem é a Teoria da Comunicação. Na obra *Linguística e Comunicação* (2003), Jakobson propõe seis funções necessárias para que haja a comunicação: a) referencial (denotativa ou cognitiva), que remete ao referente, ao contexto; b) emotiva (expressiva), que se centra no remetente e foca na atitude do falante sobre o que se está falando; c) conativa, cuja a orientação refere-se ao destinatário; d) fática, orientada ao contato; e) metalinguística, que remete ao código; f) poética, cuja a orientação foca a mensagem.

Mas nesse artigo interessamo-nos pelo conceito de língua definido por Jakobson como um **sistema de sistemas de signos**.

No estudo comparativo da língua e da literatura (...) Tratava-se, ainda, de proceder à elaboração estrutural mais ampla dessa relação e, partindo do novo e fecundo conceito de “**sistema de sistemas**”, de explicitar a ligação que unia as series culturais em presença, sem se recorrer à ideia confusa de um encadeamento mecânico de causa e efeitos. (JAKOBSON, 1985, p. 68).

Segundo Trois (2004) onde em Saussure a ideia de sistema da língua é um sistema de diferenças, em Jakobson a ideia de sistema é estruturada de um modo funcional. Para Jakobson cada um dos sistemas que estruturam a língua desempenham uma função dentro do sistema, por exemplo, o sistema fonológico desempenha uma função que não é a mesma da do sistema sintático, porém todos são essenciais para que haja o sistema. Cada fonema também desempenha uma função dentro dos sistemas fonológicos. Em Saussure a ideia de sistema é mais homogenia, um signo é o que o outro não é dentro do sistema.

Em Jakobson a língua deve ser concebida através da sua dinâmica interna e hierárquica de relações estruturais entre as partes (subconjunto) e o todo (conjunto). A função de cada subconjunto depende do lugar que ocupa no sistema. Mesmo entendendo o funcionamento do sistema da língua de forma diferenciada da proposta por Saussure, Jakobson não se sobrepõe totalmente as noções de língua, sistema e signo defendidas por ele. Se a língua é um sistema (dinâmico e funcional) de sistemas (hierárquicos) de signos então: a) o signo é concebido como uma combinação intrínseca e inseparável de um significante e de um significado; e b) ambos formam uma hierarquia parte-todo, desde as unidades mínimas (os traços diferenciais, que também são considerados signos por Jakobson) até as unidades maiores (os discursos; que

também são signos). Percebemos o quanto os conceitos propostos pelo mestre genebrino foram de suma importância para a corrente estruturalista, na qual se enquadra Jakobson.

3. As Línguas de Fronteira no Norte do Uruguai

Começaremos a tratar sobre as línguas de fronteira a partir do conceito dado por Guimarães (2003, p. 48) que afirma que estas são o "resultado muito particular da relação política geolinguística de Estados diferentes". Neste artigo, delimitamos abordar as línguas de fronteira que são o resultado das relações entre o Brasil e o Uruguai. Sturza (2008, p. 139-140) acredita que os estudos linguísticos sobre as línguas de fronteira começaram na área da Dialetologia, ainda no final da década de 1950, através do estudioso José Pedro Rona, professor do Departamento de Linguística da Universidad de la República, Uruguai.

A designação dada por Rona, já na obra "*La frontera lingüística entre el portugués y el español en el Norte del Uruguay*" (1963), a uma das línguas de fronteira praticada na região norte do Uruguai foi à de *Dialecto fronterizo* (Mota, 2014, p. 18). O trabalho de Rona (1965), com *Dialecto Fronterizo del Norte del Uruguay*, suscitou outras pesquisas sobre as línguas em contato na fronteira Brasil-Uruguai como os de Elizaincín, Behares & Barrios (1987), de Hensey (1972) e os de Carvalho (2003). Estas pesquisas e as que são atualmente realizadas resultaram em um conjunto de saberes que definiram um novo espaço de produção denominado de *Linguística Fronteira* (STURZA, 2008, p. 141).

De acordo com Mota (2010, p. 54) Rona, baseado na Dialetologia Estruturalista, adotou critérios fonológicos, morfológicos e léxicos que o levaram a distinguir quatro variedades das línguas de fronteira faladas na região: o *artiguense*, o *yaguaronense* e o *melense*. Levando em conta o grau de influência do português dividiu o norte do Uruguai em três zonas dialetais: uma luso-falante, outra que se falava somente o *fronterizo* e uma terceira zona hispano-falante.

Para designar uma das línguas de fronteira como *Dialecto Fronterizo*, Rona estudou o seu sistema. Segundo Sturza (2008, p. 143) ele analisou e descreveu a estrutura do sistema fonêmico do *Dialecto Fronterizo*. Através da sua análise e descrição, concluiu que havia um novo sistema em funcionamento, que não era nem o do português do Rio Grande do Sul e nem o do espanhol uruguaio. Sua análise também comprovou que a base morfossintática do *Dialecto Fronterizo* é a da língua portuguesa. "*Fronterizo* é um dialeto de base portuguesa, hispanizada" (Idem, 2005, p. 50).

A descrição feita por Sturza (2008, p. 143) da análise sistêmica do *Dialecto Fronterizo* realizada por Rona, na obra *Dialecto Fronterizo del Norte del Uruguay* (1965), nos remete ao

conceito de língua proposto por Jakobson (1985) de que a língua é um sistema de sistemas, sendo o sistema fonêmico um dos sistemas da língua. As características encontradas no sistema fonêmico do *Fronterizo* são diferentes das dos sistemas fonêmicos do português e do espanhol. Logo, o sistema (o todo) que é composto pelos sistemas (as partes) acaba modificando-se e tornando-se um novo sistema.

[...] essa é a versão final do seu trabalho, quando já havia concluído parte da sua pesquisa, descrevendo e analisando a estrutura do sistema fonêmico do *Dialecto Fronterizo*. Ao analisar o sistema fônico desse dialeto, Rona (1965:27) afirma que ele é um sistema resultante da mistura do português e do espanhol, sendo “um sistema nuevo”, que daria então existência ao *Fronterizo*. (STURZA, 2008, p. 143)

Constatando a existência de um novo sistema, que não mais o do português brasileiro falado no Rio Grande do Sul, nem o do espanhol falado no Uruguai, nos perguntamos os motivos que levaram Rona (1965) a optar pela designação de dialeto e não de língua. De acordo com Coseriu (1982, p. 11-12) os dialetos são línguas, porém não são designados como tais devido ao status histórico.

Hay, entre “lengua” y “dialecto”, diferencia de estatus histórico (real o atribuido): un “dialecto”, sin dejar de ser intrínicamente una “lengua”, se considera subordinado a otra “lengua”, de orden superior. O, dicho de otro modo: el término dialecto, en cuanto opuesto a lengua, designa una lengua menor distinguida dentro de (o incluida en) una lengua mayor, que es, justamente, una lengua histórica (un idioma). Una lengua histórica – salvo casos especiales – no es un modo de hablar único, sino una familia histórica de modos de hablar afines o interdependientes, y los dialectos son miembros de esta familia o constituyen familias menores dentro de la familia mayor⁴. (COSERIU, 1982, p. 11-12)

O *Dialecto Fronterizo* não foi designado como língua, mesmo sendo um novo sistema, devido a sua subordinação as línguas portuguesa e espanhola que possuem status de línguas históricas. Para Sturza (2008, p. 140) “o espanhol e o português, particularmente nessa fronteira,

⁴ Há entre “língua” e “dialeto”, diferença de status histórico (real ou atribuído): um dialeto sem deixar de ser intrinsecamente uma “língua”, se considera subordinado a “outra língua” de ordem superior. Ou, dito de outro modo: o termo dialeto quando oposto a língua designa uma língua menor distinta dentro de (ou incluída em) uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (um idioma). Uma língua histórica, salvo em casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins ou interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior (tradução nossa).

são consideradas línguas dominantes, com caráter de hegemonia frente às demais línguas minoritárias com as quais convivem em seus territórios nacionais”.

Mesmo havendo uma hegemonia do português e do espanhol nas zonas fronteiriças, as línguas de fronteira não podem ser classificadas como meras variações ou instabilidades destes sistemas hegemônicos.

Variabilidade é normal até mesmo nos sistemas mais sólidos. No entanto, só se pode falar em instabilidade se partirmos dos sistemas do português e do espanhol. [...] Se é a maneira normal de se comunicarem, se ninguém da localidade acha estranho o que o outro diz como se pode falar em instabilidade? Pode ser instável se encararmos o fenômeno com óculos do espanhol ou do português, não se partindo da própria comunidade de fala. (COUTO, 2011, p. 389)

Para Saussure (1995, p. 17) a língua é um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções que são adotadas pelo corpo social. É necessário que haja um corpo social atuante, em um determinado período de tempo, para que ocorram mudanças no sistema linguístico. Segundo Sturza (2005, p. 49) “os falantes de *fronterizo* são monolíngues e se concentram na zona rural e nas periferias urbanas”, logo há um corpo social que fala o *fronterizo*. O tempo também foi determinante para que ocorressem modificações no sistema linguístico do português, devido ao intenso contato com o espanhol na região. Comprovou-se o pensamento saussureano de que somente o tempo e o corpo social são capazes de modificar um sistema linguístico.

Não foram somente os estudiosos das línguas de fronteira que as designaram⁵, o próprio corpo social, os falantes, que vivem nas regiões fronteiriças também as nomearam, atribuindo-lhes sentidos até mesmo pejorativos. Segundo Kersch (2011, p. 05) tomando por base entrevistas com participantes do projeto ADDU⁶, os falantes das línguas de fronteira as designaram das seguintes maneiras: “carimbão (com as variações carimbado e acarimbado), corrupio, baiano (ou bayano) e abasileirado, praticamente todas com conotações negativas.”

⁵ DPU (*Dialectos Portugueses del Uruguay*) por Elizaincín, Behares e Barrios (1987), *Portunhol* por Hensey (1972) e PU (*Português Uruguai*) por Carvalho (2003) (Sturza, 2008, p. 141).

⁶ ADDU-Atlas Lingüístico Diatópico e Distrático del Uruguay é um projeto da Universidade de Kiel em parceria com a Universidad de la República, de Montevideú, com as coordenações de Harald Thun e Adolfo Elizaincín, respectivamente. O Atlas é dividido em duas partes: o ADDU e o ADDU-Norte, que contempla o norte bilíngue. Thun (2000) afirma que o material do ADDU possibilita a descrição das variedades lusas do Norte do Uruguai, sendo possível captar a dinâmica interna dessas variedades e suas relações com a lusitanidade brasileira e européia. O levantamento dos dados foi feito entre 1989 e 1992. (Frank Kersch, 2011, p. 417)

Os falantes do *fronterizo* são pessoas que vivem no meio rural e nas periferias das cidades. Isto se deve ao fato destes falantes, na maioria dos casos, estarem menos inseridos no sistema educacional. Ao longo do século XX, o Uruguai, assim como o Brasil, adotou políticas de línguas que exaltaram o ideário monolíngue, ou seja, que no Uruguai se falava somente em castelhano e que no Brasil havia uma única língua, o português. Dessa forma, a escola serviu como instrumento determinante para que os Estados cumprissem com os seus propósitos monolíngues, embora fora de seus portões não haja um limite para a língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos Saussurianos sobre o sistema da língua não só deram o *status* de ciência para os estudos da linguagem como também contribuíram de forma significativa para os posteriores estudos linguísticos. O desejo de conhecer mais profundamente a estrutura e o funcionamento deste sistema instigaram, por exemplo, os estudos dos linguistas russos Roman Jakobson e Nikolai Trubetzkoy que compunham a escola estruturalista de Praga.

O estudo sobre o sistema da língua de fronteira na região norte do Uruguai foi inaugurado pelo pesquisador José Pedro Rona. Rona chegou à conclusão de que havia um novo sistema em funcionamento naquela região, para isso teve que estudar de maneira minuciosa o sistema das línguas portuguesa e espanhola para afirmar que nenhum desses sistemas era predominante, de forma que havia outro sistema de língua presente na fronteira Brasil/Uruguai. O pesquisador estudou os aspectos fonológicos, sintáticos e o léxico das línguas de fronteira. Também analisou seu sistema fonêmico até concluir que havia um novo sistema em funcionamento, o qual denominou *Fronterizo*.

Desse modo, ao estudar a estrutura das línguas de fronteira e os seus sistemas, o trabalho de Rona se aproxima dos estudos de Saussure, Jakobson e ao dos seus colegas estruturalistas, pois na Escola de Praga, estudava-se também o sistema fonológico da língua. Assim, percebe-se que os estudos do mestre genebrino e dos estruturalistas contribuíram de forma significativa para as pesquisas sobre as línguas de fronteira na região norte do Uruguai, a partir da metade do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas/SP: EdUNICAMP, 1992.

AQUINO, Carla de. & BEZ, Alessandra da Silveira. Saussure e o Estruturalismo: retomando alguns pontos fundamentais da teoria saussuriana. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.42, p. 5-17, junho. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/> Acesso em: 06/07/2015.

COUTO, Hildo Honório do. Contato entre português e espanhol na fronteira Brasil-Uruguaí. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (org). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

COSERIU, Eugenio. *Sentido y Tareas de la Dialectología*. México: Asociación de Lingüística y Filología de América Latina – Cuadernos de Lingüística, 1982.

FRANK KERSCH, Dorotea. Atitude dos falantes bilíngues da área de fronteira entre Brasil e Uruguai a partir de dados do ADDU. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (org). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação e Política de Línguas no Brasil. *Revista Letras*. Santa Maria, n. 27, p. 47-53, Dez.2003.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2003.

JAKOBSON, Roman & POMORSKA, Krystyna. *Diálogos*. Tradução do texto francês Elisa AngottiKossovitch. São Paulo: Cultrix, 1985.

MOTA, Sara dos Santos. Línguas, Sujeitos e Sentidos: o jornal nas relações fronteiriças no final do século XIX, início do século XX. 2010. *Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)* – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria.

MOTA, Sara dos Santos. Portunhol e a sua re-territorialização na/pela escrit(ur)a literária: os sentidos de um gesto político. *Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos)* – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. *ReVEL*. Edição especial n. 2, 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]

SANTEE, Nellie Rego & TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. A linguística de Roman Jakobson: contribuições para o estudo da comunicação. *UNOPAR Cient., Ciênc. Human. Educ.* Londrina, v.12, n.1, p. 73-82, Jun.2011. Disponível em: <http://www.pgss.com.br/revistacientifica/index.php/humanas/article/viewFile/688/640> Acesso em: 06/07/2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

STURZA, Eliana Rosa. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. *Ciência e Cultura*. São Paulo, vol.57, n.2, p. 47-50, abril/junho. 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200021&script=sci_arttext Acesso em: 06/07/2015.

STURZA, Eliana Rosa. A designação de uma língua de fronteira e uma prática de análise na História das Ideias Linguísticas. In: MOTTA-ROTH, D.; CABAÑAS, T.; HENDGES, G.R.(Org.). *Análises de textos e de discursos: relações entre teorias e práticas*. Santa Maria: PPGL – Editores, 2008. p.131-152.

SOBRAL, Paula Oliveira. Escrita: um sistema linguístico. *ReVEL*. Edição especial n. 2, 2008. ISSN1678-8931 [www.revel.inf.br].

TROIS, João Fernando de Moraes. Por um “nó” epistemológico da linguística e da psicanálise: um estudo sobre Saussure, Jakobson, Benveniste e Lacan. 2004. *Dissertação (Mestrado em Letras)* – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.

Enviado em: 09/11/2017

Aceito em: 22/11/2017